

## O TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE EDUCAÇÃO REMOTA: O RETRATO DA REALIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE UMA DOCENTE

Cleyce Carla Pereira da Silva <sup>1</sup>

Karine Diniz Amaral <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como está sendo a rotina de trabalho de uma docente da rede municipal que leciona no nível fundamental maior em uma escola da rede municipal de Pindaré-Mirim/MA. Sabe-se que a pandemia do Coronavírus gerou uma série de mudanças em várias áreas da sociedade e a educação não ficou distante de tais mudanças. Intencionou-se também, investigar como foi a participação das instâncias de gerenciamento da educação (ações da prefeitura) diante de tal cenário. Emprega-se nesta pesquisa a metodologia de natureza qualitativa- descritiva por meio de entrevista realizada através da rede social WhatsApp, respeitando os protocolos de saúde mediante as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS). Para compor o corpo referencial desta pesquisa, chamamos à discussão; Max (1983); Freire (1996); Tardif (2007;2010); Longarzo (2016); Saviani (1996); Formosinho (2009); entre outros, que falam a respeito dos saberes necessários à profissão docente, a relação de trabalho desempenhada pelo docente, bem como reflexões que descrevem mudanças de definições do trabalho docente em tempos diversos; as condições de trabalho dos professores por conta do ensino remoto ocasionado pela pandemia, etc. Os resultados apontam para constantes dificuldades de adaptações no formato de ensino remoto bem como a participação tímida das instâncias de gerenciamento da educação local.

**Palavras-chave:** Trabalho docente, Saberes docente, Ensino remoto, Discussão dos resultados.

### INTRODUÇÃO

O trabalho docente é motivo de discussões por hora românticas, poéticas e também discussões depreciativas, fazias de respeito, valorização, etc. Com o cenário mundial de pandemia, essas narrativas são novamente refeitas, ressignificadas, questionadas, ou seja, o trabalho docente e tudo que o cerca sempre é posto em evidencia na latência de disputas de narrativas.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, [carla.cleyce@discente.ufma.br](mailto:carla.cleyce@discente.ufma.br);

<sup>2</sup> Graduada do Curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, [karine.diniz@discente.ufma.br](mailto:karine.diniz@discente.ufma.br);

Deste modo, o presente trabalho teve como objetivo entender de perto um pouco dessa vivência da profissão na visão de uma docente que leciona no Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano na rede municipal de ensino de Pindaré-Mirim – município maranhense -, interior do estado. Além de entender a docência pela perspectiva de como está sendo a rotina diária de planejamento, organização e administração de trabalho na modalidade de ensino remoto, verificamos também, as iniciativas que a gestão municipal empreendeu na tentativa de mitigar os efeitos da pandemia causados na localidade no âmbito educacional. Para tanto usamos da tecnologia mediada pela rede social WhatsApp para a composição do *corpus* analisado que foi a entrevista. Pudemos perceber de perto as inquietações, anseios, dificuldades de adaptação e constantes desafios relatados pela entrevistada frente a situação de ensino remoto, este que inclusive, é mediado pelo suporte de mídia digital e portanto, fazendo uso assíduo de tecnologias variadas, mas que não é uma realidade homogênea em todos os municípios, estados e regiões do país.

Para compor a espisteme da pesquisa refletindo sobre as relações de trabalho e trabalho docente, as relações de ensino desempenhadas pelos professor e a dialogicidade deste com seus alunos; bem como os saberes necessários ligados à profissão docente, a importância da formação continuada, ensino remoto; reflexões que descrevem mudanças de definições do trabalho docente em tempos diversos; as condições de trabalho dos professores por conta do ensino remoto ocasionado pela pandemia chamamos à discussão; Longarzo (2016) e Marx (1983) apud Longarzo (2016); Freire (1996); Tardif (2007;2010); Saviani (1996); Formosinho (2009); dentre outros.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa tem caráter qualitativo descritivo e a coleta de dados da pesquisa se deu da seguinte maneira; o 1º passo foi elaborar um questionário de apoio à entrevista com perguntas que giram em torno de alguns eixos; o trabalho que a docente vem desempenhando durante este tempo de ensino remoto, sua jornada diária de trabalho, questões de organização e planejamentos das atividades pedagógicas, a relação com os discentes mesmo em regimes de aulas síncronas e também a participação das instancias de gerenciamento da educação a nível local, que no caso é administrada pela Secretaria de Educação Municipal. Cabe-nos mencionar que esta pesquisa fora feita respeitando todas as medidas de segurança e protocolos de saúde recomendados pela OMS por conta da pandemia do Covid-19. A entrevista se deu por meio de recurso de mídia social digital –WhatsApp – para que tudo ocorresse com

segurança – com localização temporal centrada no mês de Abril do corrente ano de 2021. O opção pelo instrumento metodológico elencado acima, se deu pois,

“Por meio dela – a entrevista -, o pesquisador busca extrair informes contidos na vivência dos atores. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se busca ser um instrumento de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeito-objetos da pesquisa que estão inseridos no cotidiano uma determinada realidade que está sendo focalizada” (PÁDUA, 1997, p.64).

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Do trabalho ao trabalho docente

Longarzo (2016) diz que para entender o trabalho docente é fundamental antes de tudo, entender e estreitar alguns conceitos atribuídos à palavra “Trabalho” dentre as várias extensões reflexivas que este termo propõe. A autoria diz que de início é necessário tratar sobre o sentido da palavra “Trabalho” partindo da acepção antropológica e puramente da essência humana a qual apresenta especificidades dentro de uma perspectiva histórico-filosófica. Para tanto, a autora traz à discussão Marx (1983) que discorre vastamente acerca da temática tendo a abrangência necessária nesta discussão. Sendo assim, (LONGARZO, 2016, p. 30-31 apud MARX, 1983, p. 149-150) define o Trabalho como ação inerentemente humana interagindo-se de maneira peculiar com a natureza que o cerca, a saber:

[...] o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media [sic], regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de se apropriar da matéria natural numa forma útil à própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza.

Como bem expresso na definição de Marx (1983) o homem, como ser pensante que é e, portanto, modificador de realidades, se relaciona com a natureza por meio da ideia de trabalho e as ações empreendidas nesta perspectiva irão modificar tanto o que é entendido como natureza - e nesse sentido algo que está distante do humano - e a natureza humana – entendido como algo puramente humano – assim, o ser humano tem a capacidade de se modificar internamente ou externamente e a natureza concomitantemente. As mudanças alcançadas neste processo, respondem às necessidades de ordem biológica – subsistência – bem como as de ordem intelectual, cultural, sócio-históricas. Nesta perspectiva, o trabalho tem a dimensão mecânica e a reflexiva intelectual.

Após as reflexões sobre algumas dimensões do trabalho considerando a ótica de Marx (1983) apud Longarzo (2016), partiremos as concepções de trabalho relacionadas à profissão docente – e\ou ao trabalho docente -. Nesse sentido, pretende-se dar ênfase à intrínseca relação entre os termos “docência” e “trabalho”, sendo a docência entendida como “uma forma particular de trabalho sobre o humano, ou seja, uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu objeto de trabalho, que é justamente um outro ser humano, no modo fundamental da interação humana” (TARDIF, 2007, p. 8).

Segundo Hypólito (1997), as noções sobre o trabalho docente em perspectiva histórica são diversas. O autor cita como marco para construção de perspectivas acerca do trabalho docente -aqui no Brasil - a abertura das primeiras escolas elementares no século XVI com obviamente, ideologias religiosas. A partir deste período, a profissão docente começou a ser vista pela perspectiva da doação\sacerdócio como bem descreve o autor:

[...] a concepção de magistério como vocação/sacerdócio foi construída por razões político-religiosas conservadoras e autoritárias [...] A origem dessa concepção pode ser buscada no século XVI, quando se abriram escolas elementares para as camadas populares. Esta abertura visava fundamentalmente à leitura dos textos religiosos e, com isso, manutenção da influência que a Igreja exercia sobre os intelectuais e grande massa da população. (1997, p. 18)

Nesse sentido, os professores eram vistos como uma espécie de ditadores do conhecimento o qual é possível depreender que a relação professora\aluno era tida como unilateral, ou seja, cada um em suas posições devidamente distintas. A esse respeito, Saviani (1996, p. 24) reflete classificando essa prática dentro do que ele define como perspectiva filosófica de ensino, a saber: “na pedagogia tradicional a iniciativa cabia ao professor que era, ao mesmo tempo, o sujeito do processo, o elemento decisivo e decisório”. Essas ideias equivocadas sobre o professor e o exercício de seu trabalho foram sendo deixadas de lado aos poucos e dando espaço à necessidade de interação entre professor e aluno, pois verifica-se como primordial para que o processo de ensino e de aprendizagem seja eficaz. Fica claro – após séculos de constante reflexão sobre a prática docente frente ao processo de ensino e de aprendizagem - que este deve levar em consideração a vivência do aprendiz sobre determinado conteúdo que irá ministrar, ou seja, ouvi-lo, estar atento às dificuldades e o que ele tem mais facilidade de compreender fazendo um “diagnóstico inicial”, podendo ser realizado em forma de atividade ou perguntas orais, para que a partir daí possa fazer seu planejamento educacional baseando-se nas dificuldades e analisar como será superado da melhor maneira possível, por esta razão o professor e aluno precisam caminhar juntos.

Freire (1996) corrobora de maneira exitosa para a reflexão aqui abordada trazendo de fato o diálogo interativo para relação professor-aluno. Assim, ao professor é conferida autoridade pedagógica que não significa autoritarismo e nem o fechamento deste ao dialogismo com os alunos e demais agentes tanto do contexto de ensino quanto das variedades grupais existentes.

Assim, Tardif (2007, p.35), menciona que “a docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas”. O autor descreve que dentro de uma sala de aula tem que haver a interação de todos os agentes do contexto didático. Em suas palavras: “Ensinar é entrar numa sala de aula e colocar-se diante de um grupo de alunos, esforçando-se para estabelecer relações e desencadear com eles um processo de formação mediado por uma grande variedade de interações” (TARDIF, 2002, p. 167).

### **O que cabe ao professor saber?**

Os saberes que permeiam a profissão docente se constituem como vasto campo de investigações. Cabe-nos fazer um questionamento; que saberes os professores precisam ter para administrar a pluralidade de relações dentro do exercício de sua profissão? Assim, para apoiar as reflexões aqui propostas, chamamos à discussão, Tardif (2010).

Os saberes entendidos na visão do referido autor convergem para a união dialética entre os saberes individuais -indivíduos – e os de natureza social -e, portanto, coletiva -. Tardif (2010) ressalta a importância dos que pensam e refletem os saberes docentes e adverte sobretudo, aos perigos do que ele classifica como “mentalismos” e “sociologismos”. O primeiro termo se refere ao ato de reduzir a reflexão sobre os saberes a apenas representações mentais puramente individualistas, e o segundo termo, se refere à exacerbação em reduzir tais reflexões aos fatores sociais\coletivos sem dar destaques aos atores que contribuem de maneira concreta às práticas do que se relaciona aos saberes docentes. Nessa perspectiva, o autor aborda a temática não considerando os saberes do professor como algo distante, “flutuante”, pois em suas palavras: “o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer” (2010:11), sendo assim, é possível entender que a opção filosófica em abordar tal problemática entendendo a dialética das proposições. Assim, a reflexão entre o que saber do ser e o saber ser na vivência dos saberes plurais são partes totalmente interrelacionadas.

Tendo refletido sobre os saberes que se constituem entre o eu individual e as relações coletivas diversas, Tardif (2010) menciona o fato dos saberes serem plurais e que por conta disso, as relações entre o saber e o trabalho docente envolvem diversos atores, realidades, finalidades; estes devem ceder as representações simbólicas produzidos pelas redes de relações no interior dos grupos e se tem grupos, existem pessoas diversas com realidades diversas, instituições constituídas de maneiras diversas, enfim, é impossível conceber os diversos saberes; o saber-ser, o saber-fazer como algo único, visto desse modo, como algo por uma perspectiva só. O autor discorre sobre o saber trazer em si, as marcas do trabalho docente, ou seja, ele não é puramente visto pela ótica da utilização deste como trabalho e sim também, que ele é modificado e modelado por conta do trabalho destacando a realidade multidimensional de tal ato na trama das inúmeras relações as quais o professor está imerso.

Adiante, Tardif (2010) discorre sobre a temporalidade do saber pois como refletido acima, se o saber está imerso numa trama de relações diversas e, portanto, ele é diverso, como poderia este ser fixo, imutável e acabado? Dizer que o saber é temporal, transitório é pensar que ensinar pressupõe aprender e estes duas termos tornam-se sinônimos. Essa realidade tornar-se concreta nas palavras de Freire (1996, p. 21): “ensinar não é transferir conhecimento” e também que ato de ensinar exige a consciência de que este é inacabado e portanto, se constrói e reconstrói constantemente. Assim, o professor que constitui seus saberes o faz em momentos; de vivências, de perspectivas, histórias, relações. Tal reflexão postulada pelo autor levanta a questão da constância na aprendizagem e do saber-ensinar que inclusive, começa desde os anos iniciais do professor quando ainda era aluno. Sendo assim podemos afirmar que o professor é um eterno aluno.

Corroborando este ponto de vista Formosinho (2009) afirma que a formação dos professores começa com a sua aprendizagem no ofício de aluno e com a observação cotidiana do desempenho dos seus professores assim, o professor – outrora aluno – tem a oportunidade de vivenciar como seu professor lida diariamente em sala de aula, visto que ele observa como são os meios de ensino, metodologias que seu mestre utiliza, para que a partir daí o discente -futuro professor - faça suas próprias opções metodológicas levando em consideração sua vivência como aluno e que esta certamente impacta muito do exercício da profissão.

Portanto, é fundamental que os professores tenham acesso à formação continuada para acompanhar as constantes mudanças empregadas pela temporalidade dos saberes. Essa situação de temporalidade do saber se enquadra bem na situação vivenciada atualmente pelo mundo todo por conta da pandemia do Coronavírus onde se percebe a falta de gerenciamento

a nível nacional para lidar com as circunstâncias dadas por conta das consequências causadas pela covid-19.

## Educação em tempos remotos

A pandemia causada pelo coronavírus se tornou a tônica diária massacrante que está caminhando para o segundo ano de presença dura na vida dos cidadãos a nível mundial. Como esperado e óbvio, a área da educação foi uma das mais afetadas por esta situação. É fato que ninguém esperava vivenciar de maneira tão constante, dolorosa e até mesmo cruel a situação atual. E agora? Como ficam as aulas, os alunos, os trabalhadores em geral da educação que normalmente estavam habituados à rotina escolar, ao contato físico com seus colegas, amigos?. Como ficam o face a face comum do sistema educacional brasileiro que em sua grande parte, funciona no regime presencial? Como fica o trabalho docente, os afazeres pessoais tendo que trabalhar em jornada de trabalho diário tendo mais turnos ainda?

Segundo Souza (2020) com a emergência da pandemia, escolas precisaram se organizar e migrar para o ensino com o uso das tecnologias digitais. Esta migração gerou uma transposição de práticas e metodologias do ensino presencial para as plataformas virtuais de aprendizagem, o chamado ensino remoto. Segundo define Moreira e Schlemmer (2020, p. 9), no ensino remoto:

[...] o ensino presencial físico (mesmos cursos, currículo, metodologias e práticas pedagógicas) é transposto para os meios digitais, em rede. O processo é centrado no conteúdo, que é ministrado pelo mesmo professor da aula presencial física. Embora haja um distanciamento geográfico, privilegia-se o compartilhamento de um mesmo tempo, ou seja, a aula ocorre num tempo síncrono, seguindo princípios do ensino presencial. A comunicação é predominantemente bidirecional [...], no qual o professor protagoniza vídeo-aula ou realiza uma aula expositiva por meio de sistemas de webconferência. Dessa forma, a presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula geográfica são substituídas por uma presença digital numa sala de aula digital. No ensino remoto ou aula remota o foco está nas informações e nas formas de transmissão dessas informações.

Desse modo, é possível pensarmos em como essa rotina diária se tornou cansativa tanto para alunos quanto para professores; estes que inclusive, acumulam mais funções ainda: videomaker, conteudista, administrador de ambiente virtual, tutor, designer educacional, mentor de interação com os estudantes. Ao professor cresceram mais ainda suas funções e afazeres, sua jornada como mencionado, mais do que duplicou. É válido mencionar que a realidade de ensino remoto aos moldes como definidos por Moreira e Schlemmer (2020) não ocorrem de maneira igual em todos os estados, regiões e municípios deste país de extensões continentais. A propósito, mencionamos a realidade da entrevista em questão que reside e

trabalha num município onde em sua maioria há famílias com baixo poder aquisitivo, seus filhos, ou seja, os alunos da escola em que a referida professora leciona, não dispõe de condições financeiras que possam custear a participação ativas nos meios digitais de ensino.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A docente entrevista é formada em História, leciona há 17 anos no Ensino Fundamental II do 6º ao 9º e tem em média de 20 a 36 por sala – 4 turmas especificamente. Ela menciona que a escola em que trabalha, se localiza numa região periférica e portanto, carente onde as famílias dos discentes que lá estudam, não têm condições de oferecer os recursos necessários à participação nas aulas por meio do formato remoto síncrono – como conceituado no tópico anterior - , o que confere a ela bem como aos outros professores da rede a responsabilidade de elaboração de material didático que servirá de apoio aos discentes assim como o uso do livro didático fornecido pela escola. Esse material didático elaborados pelos professores contêm as atividades e conteúdos para o um período de quinze dias, são digitados na casa dos docentes e em seguida levados à escola para que esta se responsabilize por fazer a impressão desses materiais – com insumos fornecidos pela secretaria municipal de educação - e a partir daí, os pais se encarregam de adquirir e levar para seus filhos estudarem sozinhos. Nesse caso, o professor não tem o acompanhamento do discente para tirar suas dúvidas, e auxíliá-los da melhor maneira possível. Outro ponto a ser discutido é sobre a relação professor-aluno que sofreu grandes mudanças com o distanciamento social causado pelo momento atual que não é novidade mencionar; pegou todos de surpresa!. A docente, ao relatar essas situações não esconde seus sentimentos de frustração e impotência e preocupação quanto a questão de como os alunos estão aprendendo ou entendendo esses conteúdos o que também dificulta na avaliação deles, a saber:

“Bom! ... eu me pergunto como esses alunos estão aprendendo, pois como a maioria deles não tem acesso aos recursos digitais simples que podem fazer a interação comigo por conta da distância. Com quem que eles vão tirar as suas dúvidas? Como esse aluno vai se sentir estimulado a aprender alguma coisa se não tem quem pelo menos, quem tire as dúvidas dele? Eu compreendo que essa forma de interação é obviamente pouco participativa. De uma turma de 36 alunos por exemplo, 6 ou 7 deles têm celular... então, a interação fica muito difícil.”

Como visto acima, é perceptível que a docente em questão tem um profícuo conhecimento da realidade que cerca seus educandos, e que lembra novamente as recomendações feitas por Freire (1996) onde diz que o professor precisa ter consciência da realidade que o cerca, tanto a sócio-histórica, filosófica, cultural, política e isso diz



diretamente a realidades de seus educandos. Ela relata que tenta atendê-los da melhor maneira possível o que inclusive sabe que nem todos dispõe de um dispositivo móvel como um celular por exemplo, para intermediar na comunicação entre eles. Ela sabe que poucos dos vários alunos que tem, dispõe de acesso à internet e pode ter contato com ela por meio da rede social WhatsApp o que ela considera um avanço e responde sempre que consultada às demandas dos alunos. Quando perguntada sobre as questões de preparação, organização e formação que ela teria tido para se situar nesse cenário de ensino remoto, ela é taxativa em afirmar que:

“O pior de tudo é que nós ainda não recebemos de fato nenhuma preparação, formação pra trabalhar nessa modalidade... nesse novo contexto; nada! Estamos aí caminhando, cada um tentando ajudar um ao outro.... Procurando leituras, ou alguém que já tenha mais experiência do que a gente sobre aplicativos que possam estar nos ajudando, nos auxiliando no desempenho da nossa função.”

A professora cita claramente a falta de amparo desses docentes em meio às tímidas iniciativas da gestão municipal para que eles pudessem apoiar suas práticas de ensino de maneira mais eficaz e que também envolvesse os alunos de uma forma mais eficaz. Ela cita que o apoio maior está ocorrendo entre os próprios docentes na busca de entender o cenário atual da educação em formato remoto. Vale destacar que as aulas não estão seguindo propriamente dito nos moldes do ensino remoto com presença síncrona nas aulas mediados por plataformas ou outro suporte de mídia digital. As aulas estão sendo mediadas por meio de organização de material didático com apoio do livro distribuído pela escola quinzenalmente.

Adiante, a professora relata que um dos maiores desafios é desenvolver, criar, organizar, planejar estratégias de ensino que vão de encontro à eficácia da aprendizagem desses estudantes em meio a realidade posta, nas palavras dela:

“Essa é uma das minhas maiores inquietações! Como fazer meu aluno compreender o conteúdo; como usar estratégias... alguma estratégia que facilitasse a compreensão, sendo que se a gente está em sala de aula já é difícil...Imagine este aluno vivendo esse momento onde ele não tem acesso a não ser, o livro didático (...) Então, a estratégia que está sendo utilizada são as atividades impressas e levadas para a escola reproduzir esse material e distribuir pra esse aluno. Aí... em um determinado de prazo – 15 dias – esse alunos vai me retornar com esse material. Mas aí eu questiono: como eu vou de fato avaliar esse meu aluno nessas condições”

Perguntamos sobre as iniciativas da gestão municipal que servisse de apoio na preparação e formação desses docentes em meio a adaptação ao formato de ensino remoto, a professora relata que:

“Não tive, infelizmente! A educação nunca esteve no plano principal dos gestores; a nível federal, estadual e municipal. E por isso mesmo ainda está sendo muito difícil

trabalhar. No ano anterior, este município não ofereceu nenhum meio, nenhuma possibilidade de interação com os alunos de qualquer forma. Já este ano, com a mudança da gestão municipal, os coordenadores pedagógicos estão tentando agora... é... iniciar esse ano letivo (...) E agora está sendo levando uma pesquisa no município pra saber sobre as nossas dificuldades para saber no que eles podem nos auxiliar.”

Percebe-se que as ações ou pelo menos o que foi empreendido como ação da prefeitura até o momento da realização desta pesquisa, foram meio que tardias e tímidas tendo como principal agravante a troca de gestão do município. É possível inferir a partir da fala da professora que a situação da educação no município poderia ter sido diferente desde o ano passado, já que apenas esse ano começaram a tomar iniciativas tímidas por conta da mudança relata. Ela diz ainda que esse foi o principal entrave na educação do município; a falta de vontade e empenho da gestão municipal. Na visão da professora, esse tratamento dado à educação de Pindaré é mais do que um reflexo de como o país trata a educação.

À guisa de concluir a entrevista, a docente expressa ideias sobre como essa situação poderia ser diferente ou que pelo menos, as consequências na área da educação em decorrência da pandemia fossem mitigadas. Ela relembra sobre a responsabilidade que as instâncias de investimento e gestão da educação tem a cumprir com pontualidade e que principalmente, mudasse a realidade deplorável de sucateamento da educação que se agravou com a situação atual, nas palavras da professora:

“Os órgãos precisam dar assistência nas escolas para os professores, investir principalmente na educação! Pôr no mínimo que seja um computador na escola, impressora em que o tenha salas de informática para que o aluno possa manusear, pesquisar de alguma forma e que a educação na verdade seja levada a sério porque até o momento fazer educação no Brasil, Maranhão e no Pindaré muito difícil!

Para concluir, perguntamos à docente se ele tinha algum tipo de fala ou sugestão de como os professores poderiam se adaptar às mudanças tão repentinas como essa causada pela situação pandêmica e que diz respeito diretamente às mudanças nas perspectivas do trabalho docente, o que poderia ser feito para lidar com essa realidade de maneira eficaz a nível municipal, é claro, ela toca numa questão de extrema importância que é a questão da formação continuada e diz que a responsabilidade precisa ser majoritariamente de quem financia e gere a educação e não somente do professor:

“Acho fundamental: INVESTIMENTO NA EDUCAÇÃO! Na base! E quando se fala em educação se fala em todos os seguimentos; investir na formação dos professores principalmente para lidar com realidades como essa que estamos vivenciando... Nós professores, a maioria, que nos formamos no século XX, estamos dando aula para alunos que em sua maioria, nasceram no século XXI e elas, quando se fala de tecnologia, mesmo os que não tem acesso direto mas eles de alguma forma ou de outra conhecem. Nós professores ficamos no passado e a gente tem que se

virar, procurar meios de nos interarmos no assunto. Então um dos primeiros passos é o investimento na educação e claro, a responsabilidade maior está com o órgão mantenedor da educação que nesse caso é a Secretaria Municipal de Educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrarmos nas reflexões aqui propostas sobre o trabalho docente, os saberes docentes bem como as relações dialógicas empreendidas nas diversas realidades narrativas a que o professor está sujeito, levantam-se hipóteses acerca do ser professor principalmente em se tratando de uma realidade em que o exercício da profissão docente está sendo mais uma vez repensada, ressignificada.

Não é novidade afirmar que a pandemia do Coronavírus causou inúmeras reflexões não só em se tratando da docência, mas nas diversas relações que o ser humano estabeleceu e vem estabelecendo consigo e com a coletividade. Assim, nesta pesquisa, foi possível observar por meio da perspectiva de uma docente que leciona no ensino fundamental II, seu cotidiano profissional, vivenciado as inúmeras barreiras socioeconômicas e políticas que a profissão docente está sujeita e tendo ainda como agravante a pandemia. Percebemos como ainda são tímidas e incipientes as ações da gestão educacional do município Pindaré-Mirim no interior do estado do Maranhão para mitigar os efeitos causados no nível de ensino supracitado e que também há hipótese de que a troca da gestão municipal em decorrência das eleições, apresentaria um ar de esperança na mudança de tal cenário.

Percebemos pelos relatos da docente entrevistada que o professor está sempre necessitando se atualizar quando aos saberes, pois como discutido no corpo do trabalho, eles são transitórios, mutáveis e diversos e estão em construção e são portanto, inacabados. Por conta disso, a formação continuada ganhou destaque nas falas mencionadas e que chama à responsabilidade, em se tratando de investimentos na educação, das instâncias cabíveis.

Em se tratando da relação trabalho docente e ensino remoto ficou perceptível pelos relatos da docente, que este apresenta muitas barreiras em sua implementação a nível municipal por conta da situação socioeconômica em que a maioria dos alunos e suas famílias se encontram. As constantes necessidades de adaptação ao ensino remoto aos moldes da realidade de Pindaré, causaram à relação professor-aluno um distanciamento maior e que inclusive, os discentes são vistos como mais afetados no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem como relatado. Mesmo com a opção apresentada; a elaboração de material didático pela professora tendo como apoio também o livro, é sabido que esta

estratégia não é totalmente eficaz na apreensão dos conteúdos, pois o aluno tem a total responsabilidade de aprender como autodidata sem a mediação presente da professora.

Por fim, fora observado nos relatos da docente, uma rede solidária entre os próprios professores para que avancem nas dificuldades enfrentadas pela realidade diária docente de maneira eficaz, ombreada, o que nos diz sobre a importância da colaboração entre os pares no exercício da profissão docente que é feita e entendida na pluralidade e para a pluralidade.

## REFERÊNCIAS

FORMOSINHO, João. Formação de Professores: Aprendizagem profissional e ação docente. Porto: **Porto Editora**, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: **Paz e Terra**, 1996.

HYPÓLITO, Álvaro Moreira. Trabalho docente, classe social e relações de gênero. São Paulo: **Papirus**, 1997.

LONGARZO, C. Jussara. Letramento digital na voz dos professores de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental. Dissertação de Mestrado – Joinville: **UNIVILLE**, 2016.

MARX, K. O Capital. São Paulo: **Abril**, Cultural, 1983. v.I. In: LONGARZO, C. Jussara. Letramento digital na voz dos professores de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental. Dissertação de Mestrado – Joinville: **UNIVILLE**, 2016.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital online. **Revista UFG**, 2020, v.20.

PÁDUA, E. M. M. Metodologia da pesquisa: abordagem teórica prática, 2º Edição. São Paulo: **Papirus**, 1997.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. São Paulo: **Cortez**: Autores Associados, 1996.

SOUZA, Elmara Pereira de. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas** – Ano XVII- nº 30 jul.\dez, v. 17,2020.

TARDIF, Maurice. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 3ª ed. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2007.

\_\_\_\_\_. Saberes docentes e formação profissional. 1ª ed. – Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2002.

\_\_\_\_\_. Saberes docentes e formação profissional. 11ª ed. – Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2010.